

As diferenças das midialogias da comunicação

The differences among medialogies of communication

LUCRÉCIA D'ALESSIO FERRARA*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

Este trabalho propõe o estudo das diferenças entre meios técnicos e midialogias para alcançar as matrizes que estão escrevendo outra epistemologia da comunicação. O estudo das midialogias contempla olhares investigativos decorrentes das características das civilizações ocidentais que se desenvolvem entre práticas comunicativas de uso utilitário administrativo até assumir, no contemporâneo e sob a influência dos meios digitais, outra vertente investigativa. Esta midialogia apresenta raízes que observam dimensões políticas da comunicação que atingem maior complexidade e exigência nos seus percursos investigativos e apresentam outra vertente epistemológica que, dialogante, supera a linearidade da comunicação como área científica mais persuasiva do que social.

Palavras-chave: Comunicação, informação, epistemologia, meios técnicos, midialogias

ABSTRACT

This study aims to analyze the differences between media and medialogy to reach the matrices that are writing a new epistemology of communication. The study of medialogy contemplates investigative views based on the characteristics of Western civilizations developed amid communicative practices of administrative utilitarian use until taking on another investigative aspect within the contemporary and under the influence of digital media. This media is rooted in the observation of political dimensions of communication that reach greater complexity and demand in their investigative paths, presenting another epistemological aspect, which, through dialogue, overcomes the linearity of communication as a scientific area that is more persuasive than social.

Keywords: Communication, information, epistemology, technical means, medialogy

*Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Espaço Comunicação Cultura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4727-9817>. E-mail: ldferrara@hotmail.com

“Ciências, técnicas, sociedades”. Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. . . . Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a noção de estrutura, mais empírica que a noção de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas. (Latour, 1994, p. 9)

PRODUZIR DIFERENÇAS

DIFERENÇAS SÃO APREENDIDAS pela capacidade reflexiva de produzir inferências que, nomeadas, constituem assinaturas da cultura e passam a ser metáforas do próprio homem. Pensar é achar uma metáfora que comunica o modo como o homem constrói suas diferenças.

Gabriel Tarde (1902/2005), ao criar o conceito de público distinguindo-o daquele de massa e de multidão¹, afirma que a opinião é consequência da imitação de comportamentos inerentes às crenças e valores que, ao se distribuírem e multiplicarem, constituem uma característica do mundo às vésperas da modernidade. No final do século XIX e início do XX, começava-se a vivenciar a natureza dos meios técnicos impressos e auditivos que permitiam produção e reprodução de informação de modo acelerado, quantitativo e influente para difundir hábitos e valores que passam a constituir opiniões, desenvolvem o fluxo de informações e comunicações e dão origem ao público. Portanto, para a sedimentação de um público concorrem meios técnicos, mensagens por eles geradas e salto perceptivo contextual para apreender as informações ambientais por eles veiculadas. A relação entre esses elementos gera vínculos que, decorrentes daquela percepção, produzem sentidos e justificam o aparecimento de uma comunidade de compartilhamentos e comunicações que aproximam duas linhas reflexivas que se superpõem e se confundem, a sociologia dos meios e sua arqueologia.

De modo simétrico, e talvez mimético, as epistemes científicas também constituem opiniões que se produzem, reproduzem, multiplicam e acabam por confundir, nas suas inferências, conceitos e teorias. Aquele certificado de opinião reiterada e imitada é responsável, no território da ciência, por uma aparente relação causal de caráter previsível, reiterativo e determinista.

Os conceitos de informação e comunicação são exemplos dessa opinião que, repetida de modo habitual, acaba por confundir os dois conceitos, omitindo suas diferenças e respectivas consequências inferenciais. Nesse sentido, entende-se que informação é um dado a ser transmitido pela comunicação, de

¹ Povo, massa, multidão, público são distintas designações que se referem ao “grande número” coletivo. Desde o século XVII, Hobbes (1974) designa como povo os súditos que aderem ao soberano como poder imunizador da fome, do perigo ou da guerra. No mesmo século, Espinoza (1973) utiliza o termo multidão para designar o coletivo que, articulado em cooperação, alcança força e êxito na atuação política. Em *Psicologia das multidões*, Gustave Le Bon (1895/1999) denomina massa o coletivo que, deixado à própria sorte, constitui ameaça e fator de retrocesso social. Em 1902, Gabriel Tarde (1902/2005), em *A opinião e as massas*, refere-se ao coletivo ou ao grande número como público que, no início dos processos de mediação técnica, é capaz de atuar como emissor de opinião nova, capaz de atuar como força motriz do fluxo social.

sorte que ambas se misturam e acabam por gerar um conceito que as estatiza. Acaba-se por entender informação e comunicação como conceitos sinônimos, que acabam por confundir percepção de meios técnicos e interações ambientais. Ou seja, longe de se oporem com radicalidade, é necessário perceber as diferenças entre os conceitos a fim de que suas respectivas competências não sejam confundidas e os levem a ser entendidos como sinônimos. Superar o conceito de informação como dado a ser transmitido pela comunicação supõe considerá-lo como organização do nosso modo de estar no mundo, os ambientes que o constituem e levam não à transmissão de uma mensagem a ser consumida, mas a um contexto interativo e agente do acontecimento que assinala a relação humana de natureza comunicativa e vinculativa. Distinguem-se, portanto, informação e comunicação, mas como e por que se distinguem? Pensar essas diferenças é a tarefa desempenhada pela midialogia.

PENSAR DIFERENÇAS COMO MIDIALOGIAS

Diferenças e diversidades colocam em estudo aproximações e distâncias entre midialogias e relações comunicativas. Nessa diversidade, confrontam-se meios, informação e comunicação ou técnica, cultura e sociedade. Contra o código da sintaxe verbal, mas utilizando o descompasso gramatical e semântico do singular latino *medium*, na sua forma plural *media*, foi gerado um neologismo quase dicionarizado para o português falado e escrito no Brasil. Confunde-se aquele plural latino com o livre uso do neologismo mídia para designar a performance de uso dos meios, tendo em vista alcançar efeito intencional e utilitário. Nesse uso, os meios se transformam em mídias, mas não se referem às características tecnológicas dos meios e, sim, ao seu efeito cultural.

A midialogia refere-se, ao mesmo tempo, não só à mídia entendida como comunicação, mas sobretudo à comunicação como ciência que, sendo uma expectativa sempre procurada pela comunicação como campo científico, apresenta várias respostas, embora frágeis e instáveis, porque são influenciadas pelas inúmeras variáveis tecnológicas que, crescentes, levam a confundir comunicação e uso de meios técnicos. De um lado, a midialogia está marcada pela relação entre meios técnicos e meios comunicativos, entendidos não só nos seus possíveis vínculos, mas também nas suas diferenças e contradições; de outro lado, contempla, com maior definição, mais intenções epistemológicas do que aproximações fenomenológicas de ocorrências comunicativas.

A comunicação é uma ciência jovem, ou seja, está em permanente construção, pois é alcançada pela consequência daqueles meios técnicos e, sobretudo, pela evolução da reflexão científica desenvolvida pela modernidade e pela

D

decorrência dos eventos históricos que marcaram o século XX e atingiram o mundo ocidental até o contemporâneo. Nessa dinâmica, a midialogia se desenvolve com surpreendente energia, mas constante mudança dos seus paradigmas, caracterizando-se sempre como uma ciência possível, mas incerta, embora seu percurso esteja sempre aderente à cultura.

Régis Debray (2000), o reconhecido estudioso da midialogia e um dos primeiros autores a contribuir para sua emergência como campo de estudos sistemáticos, apresenta duas afirmações esclarecedoras:

De imediato, uma disciplina é definida pelo seu *objeto* e seremos tentados a dizer: “a midialogia é o estudo dos meios”. Este será um pesado equívoco. Porque, como lembrou recentemente o historiador das técnicas André-Georges Haudricourt: “na realidade, o que caracteriza uma ciência é o *ponto de vista* e não seu objeto”². (p. 1)

² No original: “A première vue, une discipline est définie par son *objet* et on sera alors tenté de dire: ‘la médiologie est l’étude des médias’. Ce serait une lourde méprise car, comme le rappelait naguère l’historien des techniques André-Georges Haudricourt: ‘En réalité, ce qui caractérise une science, c’est le *point de vue* et non son objet’.”

Esta e demais traduções da autora.

Como é possível observar, validar uma ciência pelo seu ponto de vista, e não pelo seu objeto, já permite definir a comunicação, não por aquilo que se comunica entendido como seu objeto, mas pelo modo como se comunica, o que leva a perceber que a comunicação se apoia na sua pragmática e, como consequência, nas experiências que convalidam paradigmas, teorias, metodologias e, naturalmente, suas epistemologias. Entretanto, o que parece constituir a midialogia não é o ponto de vista dos seus paradigmas, mas sobretudo as diferenças entre eles, o que nos poderá levar a entendê-la como pluralidade imposta por aquelas diferenças ou, em polo oposto, pelas crenças teóricas e metodológicas investigativas que, a priori, impõem limites à natureza do objeto. Nesse sentido, mais do que estudar comunicação, interessa saber qual é sua utilidade prática ou saber como é possível referenciá-la através da simples aplicação de teorias e metodologias consolidadas. Portanto e como decorrência, a midialogia passaria a ser orientada pelo conjunto dos distintos pontos de vista dissimulados nos interesses ou na eficiência aplicativa de teorias e respectivas metodologias, estabelecidas como adequadas para explicar a natureza da comunicação. Nessa linha de reflexão, observa-se a segunda afirmação de Debray (2000) que nos parece relevante:

³ No original: “Une médiologie n’a pas pour finalité la délivrance d’un message. Elle se contente d’étudier les procédés par lesquels un message s’espédie, circule et ‘trouve preneur’. Elle n’a pas de croyance a promouvoir. Elle voudrait seulement aider a comprendre *comment* nous croyons, et par l’effet de quelles contraintes d’organisation. . . . Au contraire de la plupart des ‘idéologies scientifiques’ qui depuis la Revolutin Industrielle ont fait école et autorité, elle ne représente ni une decouverte ni une panacée”.

Uma midialogia não tem por finalidade a transmissão de uma mensagem. Ela se contenta em estudar os procedimentos pelos quais uma mensagem é emitida, circula e “encontra sentido”. Ela não promove crenças. Ela deseja apenas ajudar a compreender como *cremos* enquanto efeito de algumas formas de organização. . . . Ao contrário da maioria das “ideologias científicas” que depois da Revolução Industrial fizeram escola e adquiriram autoridade, ela não representa nem uma descoberta nem uma panaceia³. (pp. 181-182)

Se não é descoberta ou panaceia, a midialogia se fundamenta nas possibilidades de compreensão das bases que, sempre plurais, se desenvolvem no ritmo do tempo e na cadência dos eventos históricos que lhes são causa e consequência porque nela interferem, visto que seus pontos de vista são agenciados por elas. Nesse sentido, as midialogias da comunicação são sempre possibilidades de produção científica mais ou menos provisória, pois passíveis de serem revistas conforme se alterem os pontos de vista das suas epistemologias. A midialogia se refere, portanto, às possibilidades epistemológicas que lideram seu conhecimento, sempre limitado pelas bases históricas da sua emergência, pelos interesses pragmáticos daquelas bases ou das tendências culturais daqueles momentos. Nesse sentido, parece ser impossível falar em midialogias da comunicação compatíveis com a reflexão desenvolvida por Kuhn (1975) para explicar “revoluções científicas”, pois o desenvolvimento da análise das midialogias é levado a seguir as confluências históricas das suas emergências.

OS COMPROMISSOS CIENTÍFICOS DAS MIDIALOGIAS

O impacto econômico dos finais do século XVIII até as primeiras décadas do século XX foi fundamental para permitir e apressar decorrências sociais e culturais que se verificam no Ocidente, e sobretudo na Europa, a partir do desenvolvimento da Revolução Industrial Mecânica. Ao lado das configurações econômicas que levaram à radical mudança na produção de riquezas e à magnitude de duas grandes guerras mundiais, principalmente na sua segunda emergência, que se desenvolve de 1939 a 1945, levaram à ponderável transformação do panorama científico e político que marcou as teorias da comunicação e suas midialogias desde a década de 1940.

Embora aquelas condições históricas tenham sido decisivas para o ambiente cultural em que se desenvolveram as primeiras manifestações mais evidentes para o desenvolvimento de uma midialogia, parece imprescindível ponderar que a comunicação se apresentou como campo de estudos atrelado às próprias características investigativas de outros campos epistemológicos de reflexão. Ou seja, até o início da década de 1990, a midialogia é atingida por características epistemológicas oriundas de outros campos de conhecimento. Apresentou-se limitada por tendências cognitivas que, privilegiando uma lógica causal e linear, valorizaram parâmetros de reflexão dicotômica e polarizada, porque se considerava que o equilíbrio entre homem e natureza, entre cultura e política deveria ser secundado por invariáveis que, privilegiando simetrias, levariam a decorrências determinadas, regulares e previsíveis.

Evidenciava-se que a polarização conservaria a estabilidade de um equilíbrio que, conquistado econômica e industrialmente, seria capaz de qualificar valores, comportamentos, ações e conhecimentos que deveriam considerar, sobretudo, o modo como se conhece. Para tanto, esse modo de conhecer deveria ser estável e determinado epistemológica e metodologicamente. A procura dessa estabilidade levou ao determinismo das midialogias iniciais da comunicação e permitiu que se confundisse, de um lado, o objeto de conhecimento da comunicação com os pontos de vista do seu agente e sujeito, de outro, o objeto com objetivos cognitivos a fim de ser possível atingir o estabelecimento de uma ciência estável e definitiva.

As consequências da Segunda Guerra Mundial levaram à percepção irrevogável de que a comunicação não só é marcada por características históricas, políticas e econômicas, mas, sobretudo, que é impossível confundir o objeto da comunicação com interesses cognitivos que, estabelecidos a priori, atuam como limites do conhecimento. Assim como epistemologicamente não se pode confundir ou misturar objeto científico com pontos de vista do conhecimento, também não é possível identificar a comunicação com funções, meios técnicos, estratégias de performance científica e tecnológica ou, ainda, epistemologias com metodologias fixadas de modo determinado.

Desse modo, o desenvolvimento das midialogias da comunicação surge marcado pelas características de interesse cognitivo que plasmaram, de um lado, o estruturalismo e, de outro, o funcionalismo nas suas expansões sociais, utilitárias, organizacionais e político-administrativas. Ou seja, entendia-se que a midialogia deveria ser a guardiã dos interesses cognitivos, econômicos, culturais e políticos da comunicação, entendida menos como campo científico do que como interesse a preservar, tecnológica e praticamente. A midialogia da comunicação surge mais como instrumento do que como ciência e, portanto, permite-se a liberdade de prescindir do estreito vínculo que a relacionaria com informação e organização em termos ambientais, culturais e cognitivos e, sobretudo, com aqueles vínculos produtores de inferências que, desenvolvidos como midialogias, poderiam abrir outros horizontes científicos para a comunicação. Que relações mais evidentes poderiam ser estabelecidas entre comunicação e suas midialogias?

AS POSSIBILIDADES MIDIALÓGICAS

Dividida entre a Europa dizimada pela primeira grande guerra e a América do Norte que se dirigia, de modo definitivo, para a conquista das vantagens decorrentes da aplicação das descobertas da eletricidade e dos tipos gráficos

e móveis, as midialogias da primeira metade do século XX estão marcadas, de um lado, pela rentabilidade financeira de economia fordista e, de outro, pela evolução dos meios técnicos que se apresentam como objeto definitivo da comunicação, pois podem servir àquela economia com ponderável vantagem. Embora as circunstâncias políticas do momento não permitam ignorar a influência da Europa sobre a ciência que, nos Estados Unidos, se desenvolveu nas quatro primeiras décadas do século XX, parece não haver dúvida de que a liderança do momento era exercida pelo segundo. Nesse momento e nos seus ambientes de expansão, parece que se encontram duas midialogias básicas: o interacionismo simbólico e o funcionalismo sociológico.

O primeiro desenvolveu-se na Universidade de Chicago (1935) e está diretamente envolvido pela circunstância de grande impacto cultural agenciado pela concentração populacional em cidade que acabara de sofrer sinistro incêndio e recebia contingente migratório relevante, embora sem condições de prover a respectiva subsistência. O líder incontestado do interacionismo simbólico foi George Mead que, influenciado pelo evolucionismo de Darwin, entendia que a comunicação seria o meio adequado para superar dificuldades de sobrevivência, moradia e trabalho precários. A comunicação atuaria como instrumento adaptador e educacional de comportamentos menos litigiosos e mais adequados às circunstâncias históricas e empíricas de evolução naquela cidade. De um lado, o cotidiano como mundo da vida e a interação vinculativa constituem os marcos dessa midialogia voltada para as vantagens do comunicar-se como ação social enquanto, de outro lado, a intersubjetividade configura-se como marca semiótica da comunicação e se transforma em elemento interativo, tendo em vista a consecução de um fim comum pragmaticamente planejado por interesses que estavam além da comunicação – meios interativos voltados para uma sociologia do viver, adaptados à ação urbana e aos símbolos daquilo que se poderia entender como comunicação eficiente.

A Universidade Columbia é o lugar mais representativo da midialogia que passou a ser conhecida como funcionalismo e apresenta duas tendências mais representativas daquilo que, na atmosfera social e cultural dos Estados Unidos, traça as diretrizes básicas que viriam a ser conhecidas como midialogia americana, embora referindo-se apenas ao hemisfério norte.

As Universidades de Chicago e Columbia abrigaram o empiricismo desenvolvido por Lasswell e Lazarsfeld que, embora com vieses distintos, apresentaram uma pragmática utilitária da comunicação, voltada para objetivos interessados em utilizá-la como estratégia de ação política e administrativa. Entendia-se o funcionalismo da comunicação voltado para o alcance de objetivos concretos e claramente planejados. O objeto da comunicação eram seus objetivos.

D

Ao lado dessa perspectiva, Talcott Parsons desenvolveu, na mesma Universidade, um funcionalismo menos empiricista do que aquele desenvolvido por Lasswell e Lazarsfeld, porém, na abrangência macro dos seus interesses, apresentava-se igualmente funcionalista. Um funcionalismo social que, aplicado ao bom desempenho da cidade, esteve, desde o início, relacionado a uma concepção adequada do que deveria ser a cidade: deveria funcionar e, para tanto, ser estável e corresponder a um ideal que encontrava nas grandes cidades dos Estados Unidos seu modelo mais definitivo.

Ante essas duas correntes com propósitos distintos, porém igualmente funcionalistas e dentro da atmosfera cultural norte-americana, surge uma teoria crítica que, proposta por Horkheimer e Adorno exilados na América, produz uma contraversão das anteriores correntes funcionalistas. Desenvolve-se a crítica social daquilo que entendiam como uma indústria que repetia, na cultura, análogos processos econômicos utilizados pela indústria mecânica, produção em série e linha de montagem. Produzida para a massa, a comunicação se transformava em cultura alienada e, sobretudo, antidialética, porque se afastava da antologia tradicional e nostálgica da cultura europeia.

Esse é o panorama que se desenvolve nos primeiros ensaios de criação de uma midialogia, voltada para a comunicação entendida como instrumento adequado para o alcance de objetivos concretos ou abstratos, micros ou macros, utilitários ou críticos. Uma midialogia que se desenvolve sem salientar a natureza do seu objeto de estudo, que lhe surge distante e pouco objetivo.

O final da segunda grande guerra e, sobretudo, os primeiros anos da década de 1950 e dos anos 1960 marcam diferente dimensão midialógica, que parece procurar a raiz do objeto da comunicação. Revisita-se a interação e a crítica da comunicação: nessa frente encontram-se a cibernética e o estruturalismo. Analisando-se as midialogias desenvolvidas e vendo-as a partir da ótica contemporânea, é possível afirmar que, na década de 1950, surgem as primeiras tentativas de construção de uma midialogia mais voltada para a definição de um objeto de estudo do que para os pontos de vista do pesquisador. Surgem duas tendências básicas que, nas suas contradições, marcam aquela década como momento definitivo para a emergência de outro modo de ver a comunicação.

Se, de um lado, a cibernética, proposta inicialmente por Wiener, se aproxima das tendências matemáticas da informação elaboradas por Shannon, encontra, de outro lado e em sua segunda edição, seu eco mais decisivo na proposta interativa do duplo vínculo desenvolvida por Bateson⁴. Substituem-se e superam-se as bases funcionalistas e sociológicas anteriores, para aderir a uma matriz cognitiva em que se cruzam a comunicação e a incomunicabilidade, construindo uma midialogia que vai além de um conceito utilitário-pragmático para atingir

⁴ O biólogo e antropólogo Gregory Bateson é autor de ampla e heterogênea obra que, apoiada em arguta pesquisa empírica com os indígenas das Ilhas Bali, desenvolveu o conceito de duplo vínculo a fim de ser possível estudar a ambivalência dos processos comunicativos que, pouco explícitos nos seus processos enunciativos, podem gerar a incomunicabilidade se o receptor não for capaz de localizar ou enquadrar o enunciado em um contexto que esclarece o sentido do vínculo comunicativo. Supera-se, portanto, a simples comunicação transmissiva e veiculativa, a fim de propor a vinculação que, dupla, exige o aprendizado de uma outra comunicação que nada comunica se distante da produção de conhecimento. Suas principais obras são: *Una unidad sagrada: Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente* (Gradiva, 2006); *Mind and nature: A necessary unity* (Hamptom Press, 1979); *Naven* (Edusp, 2009); *Angels fear: Towards an epistemology of the sacred* (Macmillan, 1987) (com Catherine Bateson); e *Metadiálogos* (Gradiva, 1996).

o objeto da comunicação, voltado ao conhecimento da interação exercida no contexto informacional e afetado pelo movimento científico que o organiza. Entrópico e complexo, aquele conceito está atento à multiplicação informacional entendida como ecologia da mente e à comunicação que se constrói entre todas as espécies vivas.

Entendendo que os meios técnicos constituem dispositivos que permitem conectar o que está distante, separado ou ausente, parece plausível imaginar que o objetivo essencial dos meios se restringe à transmissão de uma mensagem. Nesse caso, a comunicação é transmissão, e frequentemente esse recurso está a serviço de interesses de um emissor hegemônico. Reagindo contra esse ponto de vista e, sobretudo, procurando nas interações outro viés comunicativo, explica-se a aproximação entre as midialogias de Bateson e McLuhan e os respectivos interesses em desenhar uma ecologia das mentes ou estruturar a arqueologia dos meios técnicos da imprensa e da eletricidade, propostos através de conhecidos aforismos. De longa data, os conceitos de *duplo vínculo* e *galáxia de Gutenberg* (McLuhan, 1972) constituem propostas seminais para perceber, de um lado, a importância dos vínculos interativos que organizam o ambiente informacional e, de outro, a preponderância dos meios técnicos aparentemente voltados para a transmissão da mensagem, mas, na realidade, criadores e organizadores daquele ambiente que gera a radical relação entre vínculos interativos e organização da informação. Nesse sentido, podem parecer definitivamente superadas aquelas midialogias que, como vimos, voltam-se para a utilização da técnica, tendo em vista transmitir, de modo utilitário, mensagens e interesses.

O traço arqueológico que patrocinou a radical midialogia proposta por McLuhan se desenvolve quando, superando a mecânica da imprensa, considera-se a eletricidade e a capacidade de substituir o código verbal pela abrangência e simultaneidade informativa da visão. Essa transformação técnica foi responsável pelo desenvolvimento de outra dimensão epistemológica inaugurando, além da transmissão da mensagem, a conexão entre sentidos, sentimentos e comportamentos. Inaugura-se uma arqueologia dos meios visuais e a epistemologia de um público que, além de se transmitir como força de agenciamento de ideias, se consagra à duplicação e imitação de valores, tempos e espaços em revolução.

Entretanto, do outro lado do Ocidente, a Europa procurava, na década de 1960, encontrar saídas de recuperação econômica, social e cultural marcadas pelo pós-guerra. Entendia-se que uma ciência crítica só seria construída se a comunicação se aproximasse, teórica e metodologicamente, das ciências exatas, a fim de que fosse possível apreender um objeto de estudo que, embora fenomenológico, se apresentasse transcendente à vulnerabilidade da história e dos seus movimentos contextuais. Era necessário alcançar um estudo da linguagem e,

através dela, da comunicação como reflexão definitivamente científica, porque estável e invariável nos seus princípios teóricos e metodológicos. Procurava-se uma midialogia da cientificidade e uma segurança que deveria atuar como paradigma funcional de produção cognitiva voltada para a aplicação de um modelo de pensar; está em pauta o estruturalismo que dominou a cena teórica europeia, e não só na década de 1960. Nessa ótica, o estruturalismo é análogo aos anteriores funcionalismos sociológicos e tão isolado da dinâmica do seu objeto quanto os modelos que constrói. A contradição entre modos de pensar, como propunha Bateson, e modos de ação estrutural e estruturador nos leva a pensar em tendências culturais distintas, pois verifica-se que as duas manifestações marcam o desencontro e as diferenças no modo de entender o objeto da comunicação. Confrontam-se tentativas midialógicas e bases ideológicas da comunicação a interferir na cultura social.

Indo além de uma antropologia estruturalista de base sociocultural, os trabalhos de Clifford Geertz (1997) apresentam a solidez que confere ao autor papel de liderança na subversão da antropologia. Observa-se que o desenvolvimento das midialogias passa a se interessar por outra perspectiva antropológica que, desenvolvida sobretudo na Alemanha, é conhecida como *teoria das mídias e/ou das mediações* e procura sedimentar suas raízes em distintos matizes culturais. Nesse sentido, salienta-se uma tendência que, de um lado, se quer alicerçada na investigação de uma arqueologia da comunicação através do panorama de desenvolvimento dos seus meios técnicos, de outro, volta-se para a arqueologia da imagem, geradora de uma antropologia visual que escreve, na expansão do seu sentido, uma midialogia da modernidade, em que as tecnologias do visual registram uma tendência decisiva da comunicação, identificando-a como vetor prioritário.

Procura-se uma base teórica que se aproxima da definição de uma midialogia mais científica do que ideológica, embora não lhe tenha chamado atenção a relação imprescindível entre meios técnicos e comunicação, que não subsiste sem a concorrência dos primeiros. São eles, os meios, que ensinam o surgimento de uma realidade ambiental que informa a história e organiza o que se comunica ou ainda está para ser comunicado. Investigar a participação dos meios nos processos comunicativos constitui tentativa científica e investigativa que exige perceber como a comunicação constrói a cultura, ou seja, envolve saber como os meios, nas suas distintas tecnologias, interferem nos processos mediativos e interativos, mas não os determinam, porque eles são culturais. Os meios técnicos, programados ou não, constituem vetores dos processos comunicativos, produzem ambientes culturais, atuam nos percursos da civilização e participam dos processos comunicativos nas suas decorrências culturais, sociais e políticas.

As décadas posteriores ao final da segunda grande guerra apresentaram momentos de intensa investigação midialógica, e aos poucos se aproximou da apreensão da importância dos meios técnicos na gerência e desenvolvimento da midiatização, levando a perceber as raízes temporais e espaciais da cultura como comunicação. Mais do que nunca, abre-se para a comunicação outro viés epistemológico mais consequente e radical: encontram-se comunicologia e midiatização.

Entendida como recurso produtivo de bens duráveis ou não, mas sempre destinados ao consumo, até ao controle das consciências manipuladas por interesses, a utilização pragmática dos meios técnicos promove a aparente ilusão de estarmos automaticamente informados, sem que seja necessário operar qualquer processo cognitivo que leve a saber como a informação se organiza, se multiplica e se transforma de modo entrópico. Nesse percurso, a arqueologia das mídias percorre largo processo, que ultrapassa a antropologia da cultura, para perceber o papel dos meios técnicos e suas expansões sensíveis na escritura de um tempo cultural que, cada vez mais acelerado, leva a embaralhar datas, eventos, acontecimentos, territórios e tradições. Nessa midialogia, procura-se valorizar um tempo contínuo que faz com que a história não se registre como acúmulo de fatos mais ou menos inesperados e/ou inexplicáveis, ao contrário, procura-se um tempo longo que faz com que voltemos às raízes da cultura dos meios para nelas encontrar a possível compreensão do momento presente. Longe de uma arqueologia em busca de uma origem de frágil definição e percepção, a teoria dos meios ou das mediações procura, no passado, outras luzes para a compreensão do momento presente.

O desenvolvimento da televisão como meio técnico e da mídia de massa como alicerce aparentemente definitivo do modo como se pode entender o público fez surgir, nos territórios de língua alemã, outro panorama midialógico conhecido como *arqueologia da mídia* ou *das mediações*. Entre seus autores mais radicais estão Friedrich Kittler, Gunther Anders, Vilém Flusser⁵, Siegfried Zielinski, Hans Belting, entre outros.

A proposta mais radical dessa arqueologia consiste em saber como e em que medida aquela revolução é capaz de reconfigurar o tempo arqueológico, transformando-o na dinâmica anarqueológica (Zielinski, 2006, p. 279) de um tempo sem história e um espaço planetário sem geografia. Desenvolve-se o acelerado trajeto que, da década de 1960, atingirá o segundo milênio e suas radicais transformações que, lideradas pela economia, são alimentadas pela tecnologia, pela cultura e pela política.

Na arqueologia que vai além dos meios, procura-se encontrar as bases de outra midialogia, talvez menos voltada para a descrição do objeto da comunicação

⁵ Vilém Flusser: filósofo tcheco que, banido pela Segunda Guerra Mundial, refugiou-se no Brasil e, em São Paulo, viveu mais de 30 anos, quando produziu grande parte da sua obra. Desenvolveu diálogos notáveis com intelectuais paulistas dos anos 1950, 1960 e 1970 e participou do desenvolvimento de grandes centros de pesquisa em comunicação.

e mais interessada em desenvolver um ponto de vista indagativo da origem e intenção da comunicação. A arqueologia dos meios procura, no diálogo dos sentidos, outro meio que mistura técnica e sensibilidade, meio de atingir o outro e modo de ser atingido pela revolução de todos os sentidos. Na ambígua fronteira entre os sentidos, o visual procura liderar através da imagem.

Nessa ótica, os meios escrevem outra epistemologia e desenvolvem-se tendências que estudam o caráter persuasivo, não propriamente de mensagens quase sempre redundantes, mas dos próprios meios técnicos, definitivamente capazes de agenciar uma mídia que se consolida de modo tão rápido quanto acelerados são seus recursos técnicos. Surgem midialogias do espetáculo e da performance visual dos meios técnicos e, mais uma vez, a comunicação está a serviço de um objetivo ausente do seu objeto cognitivo. Como espetáculo ou performance, os meios são instrumentos de exposição que expandem visualidades e promovem a imitação de valores alheios e, não raro, gratuitos. Nesse espetáculo, a comunicação se transforma em celebridade que espanta pela capacidade de propagação e construção pública. Uma comunicação que, mais do que nunca, é construtora de opinião e entendida como controle midiático, enquanto é controlada pelas esferas políticas do poder.

Reverendo essa política, Vilém Flusser (2002, p. 7) estuda a passagem da tridimensionalidade do espaço para atingir, na sua evolução, a bidimensionalidade que, técnica, transforma o volume em plano e a percepção do desenho em modo de construção de um mundo sincrônico e simultâneo. Outra midialogia e distinta epistemologia que, lideradas pela imagem, apresentam radical transformação do modo de conhecer. O conhecimento é alimentado pela constante pergunta que mal esconde a radical necessidade de duvidar para entender o momento vivido, a fim de superar a impressão de que o presente é anônimo transeunte de espaços e histórias.

Quando produzida e manipulada tecnicamente, a visualidade da imagem encontra outra dimensão no domínio do visível. Hans Belting é autor de uma proposta midialógica que estuda as mudanças da passagem entre a figura tridimensional para a imagem bidimensional, embora feita de forma e cor exuberantes. Essa outra característica do visível substitui a arqueologia da figura pela analogia da imagem e procura encontrar, nas relações entre meio técnico, imagem e corpo sensível, os traços arqueológicos da anterior figuração do mundo. Procuram-se, no visual, as oscilações do conhecimento através dos sentidos e os passos que nos encaminham para uma antropologia arqueológica do presente:

Foi necessário o aparecimento dos novos meios para que tivéssemos consciência de certas propriedades dos meios antigos que eram até então despercebidas: foi

Marshall McLuhan que formulou de modo mais claro essa constatação em seu artigo sobre “ambiente e contra ambiente”⁶. (Belting, 2004, p. 68)

A arqueologia da imagem técnica não só desenvolve o estudo da relação entre técnica, história, comunicação e cultura, mas sobretudo apresenta a necessidade de entender como a comunicação, aliada aos meios técnicos, constrói bases cognitivas que se renovam no tempo, à medida que criam outros ambientes e localizam os meios antigos como contraambientais (McLuhan, 2005, p. 129). Surgem correntes midialógicas contemporâneas que não apenas têm como base a constatação anterior da íntima relação entre comunicação e cultura, mas apresentam, com ênfase radical, a influência da política sobre a comunicação.

Sem dúvida, a indispensável proximidade entre filosofia e comunicação dá origem a correntes midialógicas que, no complexo território da modernidade, se desenvolvem e se propagam à medida que, cada vez mais, são superados os limites epistemológicos deterministas e positivistas. Longe da linear causalidade, o conhecimento é cada vez mais incerto, porém rico em informação: aliam-se comunicação, informação e conhecimento. Se podemos afirmar com Flusser (2014) que a comunicação é matriz da cultura, podemos expandir a reflexão a fim de apreender como a política produz a comunicação.

Essa asserção dá origem a duas outras afirmações: a política produz a comunicação entendendo-a como transmissão da imagem e escreve um capítulo midialógico que a entende, de um lado, como técnica de transmitir uma imagem moldada conforme modelos daquilo que convém transmitir, tendo em vista o interesse midiático de um emissor político, e de outro lado, temos a política que, como modo de construção dos valores partilhados por povos ou civilizações, constrói diferentes padrões de comportamento e de valores cidadãos. No primeiro caso, temos midialogias que estudam a política *na* comunicação, no segundo, encontramos tendências que estudam a política inerente à comunicação, ou seja, uma política *da* comunicação, voltada para a ética do modo de comunicar e daquilo que comunica. Porém, nos dois casos, encontra-se uma base comum: trata-se de reconhecer a raiz filosófica que subjaz à comunicação, não restrita às suas técnicas de transmissão ou armazenagem da informação, mas como modo de vida afetado, de um lado, por intersubjetividades, trocas humanas e cognitivas e, de outro, por indagação, epistemologia e heurística do acaso.

A política que faz da comunicação instrumento convincente de propagação de ideologias encontra sua primeira e mais radical enunciação quando, na exacerbação do período de consequências do pós-Segunda Guerra Mundial e na década de 1960, a Europa se defronta com o desencanto de uma revolução marxista insuficiente para superar o ambicioso capitalismo fordista. A produção

⁶No original: “Il aura fallu l'apparition des nouveaux médiums pour qu'on prenne enfin conscience de certaines propriétés des anciens médiums restées jusqu-là inaperçues: c'est Marshall McLuhan qui a le plus justement formulé cette constatation dans son essai sur 'l'environnement et l'anti-environnement'”.

da riqueza industrial entra em ritmo acelerado e foi indispensável diversificar a produção, voltando-a para o consumo e o consumismo. Mais afirmativa do que indagativa, a midialogia política da comunicação se desenvolve com a expansão dos meios técnicos digitais a partir da década de 1990 e contribui para a implantação da política econômico-financeira da globalização, sua expansão planetária, a emergência de uma economia neoliberal e de uma forma de trabalho que, substituindo os anteriores modelos produtivos materiais, permite o desenvolvimento de um modo de trabalho voltado para a produção de ideias: o trabalho material abre espaço para o trabalho imaterial.

Embora participante desse contexto econômico e cultural, as tendências midiológicas voltadas para o estudo da política da comunicação estão definitivamente apoiadas na filosofia que permite a reflexão voltada para uma realidade entendida como sistema que, de modo entrópico, tende para a complexidade e mistura de ideias, teorias e epistemologias científicas. Considerar esse novo contexto é necessário para a apreensão de outro ambiente onde os objetivos e os objetos de investigação estão interligados.

O presente é dialogante e, mais do que nunca, a aliança entre comunicação e filosofia é urgente e concorre para o desenvolvimento de uma epistemologia plural, a-disciplinar e, sobretudo, não positivista. Esse ambiente de complexo processo informacional permite a emergência de epistemologias que substituem a certeza teórico-afirmativa pela dúvida apoiada em perguntas que exigem respostas mais comprometidas com o contexto do qual emergem e mais consequentes, do ponto de vista crítico. A investigação voltada para aplicação de teorias consolidadas é ultrapassada pela questão, pela pergunta que, indagando, produz uma epistemologia transversal a todas as certezas e sensível à mudança de paradigmas. Produz-se uma midialogia que, requalificando o papel da comunicação, revê seus compromissos políticos e éticos; produz-se a midialogia de uma comunicação mais interativa do que transmissiva. Produz-se uma epistemologia que não ambiciona estabelecer paradigmas, mas está atenta ao desenvolvimento incessante dos próprios processos comunicativos que exigem constantes revisões. Nesse sentido, surge uma epistemologia política alimentada pela crítica das suas autorrevisões. Não se pode falar em epistemologia de dimensão singular pois, na sua constante e exigente autocrítica, tudo está em ebulição, a fim de não se reduzir nas certezas do passado. Nesse contexto, parece surgir uma epistemologia que nada afirma, pois tudo é motivo de indagação e revisão dos seus paradigmas consagrados.

Embora esse mergulho no contexto do presente seja fundamental para alcançar os traços de uma midialogia em constante mudança, sua genealogia está voltada para algumas raízes que apontam para as bases de um modo de pensar

mais sensível às consequências dos meios do que à celebração consumista da técnica. Uma midialogia que, aberta à complexidade das mediações, desenvolve estratégias que provocam e desafiam a tecnologia, a política do comunicar e a cultura do poder.

Nessa midialogia transversal à certeza histórica, mas sensível às consequências das mediações, observa-se a revisão da anterior arqueologia dos meios técnicos para procurar, através de novas categorias de análise, a possível genealogia da comunicação que subjaz à análise diacrônica das tendências e faz-se nova de modo imprevisto. Propostas com veemência por Agamben (2014), essas categorias⁷ tornam-se bases necessárias para repensar o presente à luz de atuantes assinaturas do contemporâneo:

essa vida nua (ou vida “sacra” se *sacer* designa antes de tudo uma vida que pode ser matada sem cometer homicídio) que, na máquina jurídico-política do Ocidente, funciona como limiar de articulação entre *zoè* e *bios*, vida natural e vida politicamente qualificada.

Não será possível pensar em outra dimensão da política e da vida se antes não tivéssemos conseguido desativar o dispositivo de exceção da vida nua⁸. (pp. 333-334)

Nessa midialogia do presente, é necessário admitir que o estado de exceção passa a constituir norma diária validada pelos meios técnicos que entendem a comunicação como instrumento de poder. A crítica social e cultural sugerida por essa midialogia exige outra operosidade da técnica, à medida que, questionada e provocada, transforma o poder em potência de ação para a construção de uma democracia radical⁹. O diálogo altera as relações entre os homens e descobre que é possível mediar com a técnica e apesar dela.

PENSAR DIFERENÇAS COMO MIDIALOGIAS HEURÍSTICAS

Ao lado do estudo dos meios, e talvez ao contrário daquilo que tecnicamente desenvolvem, a midialogia do presente estuda as interações entre mediação e cultura. Nesse trabalho, privilegia-se o estudo das consequências do ambiente informativo digital que nos leva a distinguir as informações que decorrem do ambiente tecnológico que as produz e as interações comunicativas que não lhes são simples consequências, mas se distinguem por produzirem uma realidade cultural que as torna diferentes dos meios técnicos. Ao não ser determinada pelos meios técnicos, a comunicação se apropria deles e os transforma em atmosfera cultural que encontra, na técnica e através dela, o vetor primordial do mundo vivido e da sua diferença como característica informacional e contextual mais

⁷ O filósofo italiano Giorgio Agamben é autor de numerosa e ampla obra na qual desenvolve categorias fundamentais para entender o momento contemporâneo, sobretudo ocidental. Entre suas categorias de análise salientam-se: Estado de exceção, vida nua, poder soberano, assinaturas da história, poder de ação e potência de ação, dispositivo, profanação, inoperosidade, entre outros. Para o desenvolvimento desse trabalho, o conceito de potência de ação foi fundamental.

⁸ No original: “questa nuda vita (o vita ‘sacra’ se *sacer* designa innanzitutto una vita che può essere uccisa senza commettere omicidio che, nella macchina giuridico-politica dell’occidente, funge da soglia di articolazione fra *zoè* e *bios*, vita naturale e vita politicamente qualificata. E non sarà possibile pensare un’altra dimensione della politica e della vita se prima non saremo riusciti a disattivare il dispositivo della eccezione della nuda vita”.

⁹ Em *Hegemonia e estratégia socialista*, os sociólogos Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2010) propõem o conceito de democracia radical a fim de superar a afirmação dogmática de uma essência social e ser possível entendê-la na ambiguidade que admite divisão social e antagonismo como condição de alcançar uma revolução democrática.

D

complexa e atuante. Neste trabalho, procurou-se estudar as possíveis diferenças de valores que podem ser estabelecidas quando se supera a determinação dos meios transmissivos, para considerar as relações culturais imprevisíveis que decorrem da complexa multiplicação entre meios, informações e interações não programadas, mas ativas, que caracterizam o mundo contemporâneo.

Embora os estudos arqueológicos e antropológicos dos meios tenham assinalado o atuante diálogo entre a técnica e o tempo que, desde Gutenberg, têm marcado o modo de construção não só da história como evento, mas sobretudo como acontecimento, a midialogia encontra, naquele diálogo, a possibilidade de traçar outras vertentes epistemológicas e metodológicas de produção de conhecimento.

Do ponto de vista epistemológico, observa-se que, quando os meios se aliam à atmosfera informacional que lhes é decorrente, eles podem ser agentes de uma ecologia sistêmica que, superando a simples causalidade de natureza linear e silogística, permite a descoberta de realidades informacionais complexas, que exigem a heurística de sagaz lucidez, mais indagativa do que propositiva.

Indaga-se para aprender a descobrir, nas articulações de um sistema aberto, outras inferências e alternativas de caminhos e ações. Interativa, essa epistemologia se nutre da estreita relação entre o ambiente, o pesquisador, suas indagações e o domínio empírico que, avesso a descrições e explicações, se apresenta como desafio cognitivo e demanda atenção e flexibilidade perceptivas. Para uma epistemologia midialógica, tudo pode ser radical, a fim de superar parâmetros teóricos e conceituais estabelecidos; uma epistemologia midialógica e ecológica que atua na percepção das diferenças e se estabelece entre informações e sensibilidades de atores/pesquisadores que as processam:

¹⁰No original: “Si on entend par ‘science’ au sens fort une théorie nomologique déductive, qui établit des lois dont nous pouvons déduire les conséquences, il va de soi que la médiologie ne guigne pas de ce côté-là. Tout au plus peut-elle regarder vers les constructions interprétatives, ni prophétiques ni scientifiques, plausibles mais indécidables, qui cherchent à systématiser, aussi rigoureusement que possible, un ensemble encore disjoint de faits et d’évolutions empiriquement constatables. . . . Cette mise en ordre heurte des habitudes mais permet un oeil neuf, par le simple fait d’établir des liens là où il n’y en avait pas”.

Se em um sentido forte entendemos por “ciência” uma teoria nomológica dedutiva que estabelece leis das quais podemos deduzir consequências, entende-se imediatamente que midialogia não cobiça essa posição. Mais facilmente ela pode querer observar as *construções interpretativas* que não são proféticas, científicas, plausíveis, mas indecíveis, que procuram sistematizar, tão rigorosamente quanto possível, um conjunto ainda desconexo de fatos e evoluções empiricamente constatáveis. . . . Essa correção contraria os hábitos, mas permite um novo olhar pelo simples fato de *estabelecer nexos lá onde antes não havia*¹⁰. (Debray, 2000, pp. 186-187)

A citação reitera a observação anterior e reconhece, na filiação sistêmica dos meios, uma epistemologia heurística que exige constante atenção para a produção de revisões teóricas e conceituais que exploram as distintas midialogias estudadas e as superam, porque nelas descobrem ou produzem outra epistemologia.

Como decorrência da observação da própria atuação dos meios mesclados às características informacionais ambientais, aquela heurística propõe dupla atuação. De um lado, exige a definição de objetos epistemológicos que, embora possam atravessar a história arqueológica dos meios para atingir a antropologia que dela decorre, devem construir, com objetividade empírica, o exercício da atuação científica; de outro, propugna por critérios metodológicos que, não sendo estabelecidos a priori, são mais procedimentos estratégicos do que propriamente metodologias.

Esse segundo aspecto nos remete a considerar que tanto a arqueologia como a antropologia podem se apoiar em signos que se dividem em índices dinâmicos e assinalam a atuação fenomenológica dos meios, ou em traços que iluminam a origem qualitativa daquela emergência e apontam não só para o caráter simbólico das inovações técnicas, mas sobretudo para as transformações culturais promovidas pelas tecnologias. Essas metodologias empíricas estruturam a heurística epistemológica das midialogias, assim como as informações arquitetam os desenhos das diferenças midialógicas das midiatizações. ■

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2014). Opera e inoperosità. In *Homo sacer: Vol. 4. L'uso dei corpi* (pp. 311-314). Vicenza, Itália: Neri Pozza.
- Belting, H. (2004). *Pour une anthropologie des images*. Paris, França: Gallimard.
- Debray, R. (2000). *Introduction à la médiologie*. Paris, França: Presses Universitaires de France.
- Espinoza, B. (1973). *Ética*. São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Flusser, V. (2002). *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Flusser, V. (2014). *Comunicologia: Reflexões sobre o futuro*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hobbes, T. (1974). *Leviatã: Ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Kuhn, T. (1975). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Laclau, E., & Mouffe, C. (2010). *Hegemonía y estrategia socialista: Hacia una radicalización de la democracia*. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.

D

As diferenças das midialogias da comunicação

- Le Bon, G. (1999). *Psicologia das multidões*. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América. (Obra original publicada em 1895)
- McLuhan, M. (1972). *A galáxia de Gutenberg: A formação do homem tipográfico*. São Paulo, SP: Edusp.
- McLuhan, M. (2005). *McLuhan por McLuhan: Entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Tarde, G. (2005). *A opinião e as massas*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1902)
- Zielinski, S. (2006). *Arqueologia da mídia: Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo, SP: Annablume.

Artigo recebido em 15 de julho de 2019 e aprovado em 20 de março de 2020.